

Actas do XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação

Organizado por Vera Monteiro, Lourdes Mata, Margarida Alves Martins, José Morgado, José Castro Silva, Ana Cristina Silva, & Marta Gomes  
9 e 10 Julho de 2018, Lisboa: ISPA – Instituto Universitário

## **O trauma da hiperactividade, ou a hiperactividade do trauma?: História de um estudo de caso**

*João Serra de Almeida*

**Resumo:** Neste estudo de caso, pela estruturação teórico-prática de intervenção, pretende-se reflectir sobre novas abordagens do índice de hiperactividade e as suas relações com o trauma psíquico e com a criatividade. Num primeiro momento, como o trauma desorganiza a identidade, num segundo momento, a inquietação e ansiedade e, possíveis sintomas que emergem do referido efeito, e num terceiro momento a utilização da criatividade como ponte à (re)construção do sujeito psíquico, (re)integrando o trauma e a identidade. Como tal, recorre-se à utilização de uma amostra de um caso clínico, estudado a partir do pensamento contemporâneo psicanalítico, claro, sem descurando outro tipo de abordagens, na possibilidade de um encontro e não de um desencontro entre metodologias interpretativas da psique humana.

**Palavras-chave:** Hiperactividade, Trauma psíquico, Psicodinâmica, Caso clínico.

### INTRODUÇÃO

Markham (2001) expõe o trauma como possuindo diversas valências, desde do ponto de vista do abuso sexual, do uso de violência física ou/e psicológica, acidental, voluntário e involuntário. No seu livro, Markham (2001) refere ainda as repercussões que, de um modo geral, o trauma do sem amor pode provocar, como que crianças, adolescentes e adultos que crescem sem que se saiba que alguém os ama, ou amou. Nestes casos, tendem-se a constituir contextos em que, especialmente, os pais não conseguem expressar, do ponto de vista relacional, o seu amor pelos filhos, de forma decifrável pelos respectivos filhos. Aqui, surgem respostas a perguntas num sentido desadequado, muitas vezes desconexo com a própria necessidade da criança. Contudo, o amor e a capacidade de o espelhar e preencher, será o veículo à relação sadia e criativa, relação esta, em que se cuida como outrora se foi cuidado, relação esta, conhecedora e re-conhecedora da multiplicidade de afectos existentes.

Neste sentido, apesar das aproximações, consegue-se perceber o encaixe das distâncias afectivas existentes entre filhos e pais, entre desejo, prazer, representação e objecto. Situa-se, frequentemente a quebra entre realidade e irreabilidade/fantasma, bem como da capacidade de ler, significar e juntar afecto ao facto explícito, tornando-o um facto psíquico, identificável e, além de conhecido, re-conhecido, ou seja, a integração do parcial junto do objecto total (Green, 2000).

Neste sentido, Ferenczi (1980; Compilação da sua obra de 1926) refere que existe uma dada ligação que inter-liga o corpo e psique no contexto dos traumas de guerra. Nestes traumas, o corpo tende a assumir reflexos de processos oriundos do inconsciente do sujeito, assumindo, muitas vezes de forma directa, uma representação explícita. Aqui, as partes do corpo do sujeito, são convertidas por meio da canalização do afecto, inculcando certo movimento, posição ou lugar. Por outro lado, os sujeitos podem mesmo ficar paralisados, podendo cair ou desligar-se da realidade comum. Como tal, o sonho nocturno, ou o reflexo diurno, tendem a espelhar os cenários traumáticos não metabolizados e mentalizados/assimilados pelos sujeitos. A ausência destes processos, vem a provocar uma certa cisão entre partes da mente do sujeito, onde a dor e o cenário físico e psíquico, se difundem em partes diferenciadas e isentas de comunicação consciente, o que, em certa medida, funciona enquanto defesa protectora de forma ao sujeito não lidar com a dor subjacente ao trauma. Neste sentido, a hipersensibilidade, ansiedade, rigidez corporal e psíquica, retorno à origem e a fluência repetitiva com retirada de potência e libido vêm a constituir-se como mecanismos facilitadores do desencontro mente e corpo, trauma e significado, experiência e afecto.

Posteriormente, fica subjacente nas palavras de Ferenczi (1980), o retorno a um estado psíquico regressivo, onde se ocupam lugares do não dito pela ausência de palavras e afecto, que descrevam o contexto traumático e traumatizante. Como tal, inevitavelmente, a exclusão e fuga à repetição do contexto traumático, sentido como isento de elaboração psíquica, vem a tornar-se ao longo do tempo um facto traumático, ou seja, experiências repetitivas que sejam consideradas enquanto traumáticas, vêm a quebrar as defesas do sujeito, num sentido descendente em termos da organização psíquica do mesmo, pelo que, quando se atinge o limite da resiliência das mesmas, ou o máximo de dor suportável, ocorre uma ruptura do espaço psíquico, explodindo/eclodindo de dentro para fora e de fora para dentro.

Por meio da eclosão de fora para dentro, e da explosão de dentro para fora, o sujeito situa-se num lugar onde o Ego se danifica, onde o amor pelo outro objecto se retrai, onde o amor sentido por si em relação a si próprio também acaba por se retrair, ficando o sujeito cada vez mais fechado sobre si próprio.

Neste processo, o sujeito poderá sentir como proveniente do exterior, ondas de ódio que, pela compulsão à repetição num entendimento de tornar compreensível o que assim não o é, irá repercutir durante algum tempo. Neste sentido, a (re)unificação do self fragmentado causada pela implosão/explosão de sentidos e afectos, da dor física e psíquica e da inter-ligação sucessiva dos self-objects mentais, será o equivalente ao acto de costura dos tecidos significantes da mente. Como tal, pelas constantes necessidades de cuidados narcísicos, de ser contido, de ser objecto de preocupação e pela necessidade abrupta de ser nutrido com amor e (re)organizado, o sujeito vem a por em prova a constante solicitação do clínico, pela sua necessidade de destrinça entre a vida e a morte, entre o caos e a ordem, entre a dor e a ausência da mesma, entre a elasticidade da mente para se pensar, e a inflexibilidade redutora do pensamento sobre os referidos contextos, entre a boa e a má experiência, entre a possibilidade de expulsão pensada dos pensamentos, percepções, imagens mentais do sujeito, causadas pela impossibilidade das relegar a um outro objecto pensante, entre a organização do real e do irreal e entre a constante sensação de auto e hétero destruição, constantes na psique do sujeito (Ferenczi, 1980).

Um aspecto subliminar referencia a presença de ansiedade psíquica face a determinado contexto traumático, como o prelúdio da possível quebra, desprazer e desorganização mental do sujeito face ao confronto com os contextos traumáticos experienciados, ou seja, o surgimento do pensamento paranóico de poder vir a traumatizar-se novamente. Contudo, o processo declara-se o mesmo, onde constantemente o sujeito traumatizado irá destruir e construir sucessivamente o significado atribuído ao trauma, ao mesmo tempo que vai integrando as imagens mentais recorrentes do referido trauma, ou seja, uma luta constante entre um estado de adaptação e de inadaptação a termo psíquico. Porém, os referidos processos psíquicos que ousam lutar e combater um estado por um lado, inerte e mortificante, por outro, vivo e espontâneo, serão aprazíveis de bom prognóstico, uma vez que o sujeito se encontra a libertar a referida ansiedade, bem como, a poder ir significando e (re)consolidando e (re)conhecendo o seu objecto interno.

Neste sentido, Mendes Pedro (2018) aponta a nova relação enquanto motor do funcionamento do sujeito onde se promove a mudança, transformação e re-aparecimento do conhecido, e não desconhecido, porque sendo conhecido, será sempre aprazível de transformação de olhares sobre esse algo (Coimbra de Matos, 2007). A nova relação permite o surgimento de novos aspectos sobre o objecto e representações, aspectos esses possíveis de compreensão e carentes de amor e afecto. Será o amor oblativo, o amor onde se dá sem pedir nada em troca, a moeda de câmbio entre a patologia e o estado sadio da mente do traumatizado, a possível mudança, aquando conhecimento e transformação do que foi vivido, sentido e experienciado, e que, durante milénios de sofrimento, foi mantido em cativeiro dentro do self.

Na sua conceptualização, Raubolt (2014) afirma que o trauma remete o sujeito ao terror do desamparo, uma vez que o próprio se vê em terra de nenhures, nenhures porque esquecido, esquecido porque enlouquecedor. Neste sentido, pensa que os conteúdos não foram catalisados, resignificados, transformados, não se operou a mudança do eu, perdem-se as categorias basilares e fundadoras, com a possível continuidade sadia, do tempo, do espaço, dos lugares (des)adquiridos. Neste sentido, relembrando o que foi, ou se tenta esquecer, vem-se a constituir uma segunda pele, em reparação da primeira, pele psíquica que forneça a possibilidade de significar e constituir uma história, na essência da busca da verdade (mito), construção pessoal do sujeito sobre si próprio, numa relação a dois, co-construída numa nova relação (Coimbra de Matos, 2017). Por outro lado, em muitos casos, o trauma vem a constituir-se no sujeito como um organizador psicótico, onde se sobressai a dependência, identificação projectiva intensa, hipersensibilidade, desrealização e despersonalização, distorções da realidade, e estados de desamparo, desesperança e desorganização. Assim, organiza-se o indizível, podendo muitas vezes exteriorizar-se enquanto focos de raiva e agressividade, intensificando-se pelo acto irreflectido ou impulsivo.

Estes pedaços de mente, constituídos enquanto pedaços psicotizantes do pensamento, servem ao serviço da explosão interna, sentido este que procura o seu oposto, um lugar acolhedor e revelador, que possibilite a emergência desregrada destes mesmos pensamentos ditos selvagens (Bion, 1997). Como tal, a função do psicoterapeuta ou psicólogo, deverá ser como que um farol, que ilumina o caminho atrás e em frente do sujeito, mas especialmente em frente, para lá daquilo que se consegue observar

cegamente, formando um rumo, um caminho, um troço que venha a permitir ao sujeito se pensar e compreender, oferecendo-se enquanto outra realidade, enquanto outra representação, enquanto um objecto novo e sublime, de banho afectuoso e nutridor de amor, um novo objecto a que se identificar, a que se possa encaixar e receber, para que se possa lembrar de quem se é e para que se possa evocar quando necessitar (Coimbra de Matos, 2007).

Por meio de âncoras estáveis e acolhedoras, constituintes de bases seguras e de continentes com espessura e lugar ao pensamento, o sujeito poderá reparar-se e constituir as peles psíquicas, envelopes psíquicos ou um self delimitado (Raubolt, 2014). Por vezes, estes espaços psíquicos, em espera ou aguardo de quem os auxilie a pensar, vêm a constituir espaços vazios, vazios porque preenchidos pelo nada, pelo nada porque impossíveis ou incapacitantes de serem pensados pelo sujeito. Porém, que memórias ficam aprisionadas no inconsciente? Pode-se perceber com Casement (1999) os perigos eminentes de recordar o passado, no presente com orientação ao futuro, onde os elementos traumáticos não significados e conscientes remetem à ansiedade sinal, à ansiedade que emerge quando se tenta perscrutar esses mesmos elementos, elementos que se querem longe, cindidos da mente, dissociados da mente, banidos/abolidos ou, num momento mais sadio, embora patogénico, promotor da clivagem desses mesmos conteúdos.

No âmbito da tentativa do esquecimento, e pela teoria do espancamento de Freud (1993, organizado por Martinho) concebe-se que a criança que foi batida, irá tentar o esquecimento desse mesmo facto, do ser batida, num aspecto físico, ou psicológico dependendo do tipo de agressão, e de certa forma, irá tentar esquecer que foi, precisamente “espancada”.

Neste sentido, é referida uma certa irritação psicológica, e sentida a impotência da intenção para se reapropriar do nome oculto, ou seja, a acção do recalçamento sobre o conteúdo que deve ser afastado da psique do sujeito, bem como a incapacidade prévia de significar o respectivo conteúdo em contextos pensáveis e passíveis de integração. Como tal, dá-se lugar ao esquecimento do objecto verdadeiro, originando o esburacar da mente, ou a intensa actividade da acção do recalçamento. Como tal, deve-se proceder à reestruturação do inconsciente, juntando os factos psíquicos, ou objectos experienciais que, por via da necessidade de serem perdidos, se acabaram por perder (da psique consciente do sujeito).

Neste sentido, em síntese da tese proposta por Freud, tem-se que em primeiro lugar (1) o pai bate na criança odiada por mim, sendo que o pai ama-me a mim e não à outra criança (que também sou eu), (2) o pai bate na criança porque me ama (que também sou eu, muito embora não o saiba, uma vez que estes processos são inconscientes) e (3) o pai é substituído pelo outro, que posteriormente também me bate.

Casement (1999) refere existir uma convergência e uma confusão entre tempos do passado, do presente e do futuro no sujeito traumático, claro, dependendo da sua condição psíquica, bem como, do contexto do próprio trauma em si. Será neste sentido, que a reconstituição da criança batida, ou do trauma associado à experiência da mesma, tendem a constituir-se como reflexo de uma intensa actividade de (re)memorização e de (re)constituição da sua própria narrativa ou, por outras palavras, do seu objecto interno, do seu self ou do seu continente psíquico. Neste sentido, trata-se de significar pedaços da experiência psíquica que não foi significada e que acumulou um tanto de stress e ansiedade, bem como, vem a requisitar esse mesmo isolamento, ou a projecção no outro, demarcando ora a diferença entre trauma e experiência do próprio, com os objectos do outro, podendo embeber, ou não, o aparelho de pensar pensamentos do sujeito num estado de confusão e/ou desorganização. Por outro lado, convém lembrar o quão doloroso será entrar e estar em contacto com as partes traumatizadas da mente, originando um conflito entre a regressão e a progressão.

Em todo o caso, Brook (2011), no seu livro *espaço vazio*, onde retrata o actual contexto da produção teatral, refere, na busca do sagrado, a procura de um estado de graça, residente na memória de quem se esquece, ou que se esqueceu, ou seja, a busca real de uma imagem de graça interna perdida. Como tal, remete-se a questão, se toda a graça, se todo o amor se esfuma, e se dissipa na construção do ódio e de espaços vazios, onde puder-se-á encontrar a chave que consiga descodificar, e desmistificar, as teias do esquecimento e ódio pela vida? Aqui temos a passagem de um plano superficial a um plano profundo onde, reaprendendo a comunicação interna emocional, se reaprende o amor. Aqui lembra-se Coimbra de Matos (2017) quando refere que “existio porque fui amado”, acrescento, fui amado, logo poderei saber amar o outro.

Entre *espaços vazios*, aponta-se que o sono, ou a arte de adormecer, ou o sonho, ou a arte de sonhar, serão ensaios secretos para um futuro melhor, ou seja, o prenciar de sonhar na escuridão, só, consigo mesmo, na

possibilidade de construção e transformação, em orientação a um futuro com certa forma e conteúdo. Em seus apontamentos, Brook (2011) aponta a invisibilidade de espaços subjectivos que emergem, na presença de um elo significativo, de um elo de certa vinculação, espessura, forma e conteúdo, onde se precede a abertura e capacidade à emergência do carácter verdadeiro e único de quem, por tal, se esqueceu, ou pretende esquecer.

O *acto criativo* será o prenúncio de beleza e do que é sublime e glorioso, do que é belo, submerso num sentimento de “cadinho” leve e calmo, capaz de refrescar a alma com a sua doçura e harmonia, em compassos leves e marcantes, de formas e sons livres na pauta em tela de quem sonha” e se permite ser livre na liberdade de acolher o mundo em si, numa relação recíproca, onde sujeitos se revelam e se concretizam e se constroem e se transformam (Strecht, 2014). Num certo sentido, o acto criativo permite associações, enriquecimentos, ligações e desligações que na presença de um silêncio musical/poético, ou na incapacidade em estar só, vem a revelar as pulsões destrutivas/agressivas e sexuais, incontidas e sem transformação possível pela mente. O resultante serão pontos de luz no cerne da escuridão circundante do sujeito, uma casa interna ou o desenvolvimento simbólico, intelectual e emocional do sujeito com reinscrição de uma nova história, modificada pela transformação da relação, ao passo que a não inscrição e o esquecimento dos afectos, memórias e pensamentos, leva à fragilidade psíquica, inflexibilidade e resistência a novas experiências. Nesse sentido, a arte vem colocar o sujeito numa incerteza insegura, mas a possibilitar a iluminação interna progressiva, com determinada identidade e pertença dos sujeitos.

Strecht (2013) apresenta a presença do movimento de espaços brancos (lugar vazio de criação, e de possibilidade de transformação e de sonho, mas também enquanto reflexo do vazio, da pobreza do pensamento e afectos, da ausência, do desinvestimento, da perda da autonomia, da paralisação da incapacidade de desenvolver formas internas de sintetização e metaforização de dores, que se formam sem nome, o nada e o frio, o deserto e a constância solitária desinvestida de amor do sujeito) e de espaços negros (lugar de mescla, de indiferenciação, malignidade, sem sentido, com potencial destrutivo e mortificante do Eu, com ataque às ligações relacionais com emergência de dores aprisionadas onde reside a dificuldade de transformar e organizar, de onde se realçam as falhas, a ausência e a perda do sentido).

Na presença dos referidos pólos, tem-se um dado comum, que seja a agressividade que por vezes poderá ser despertada como forma de resposta à incapacidade de não conseguir traduzir o que se sente em palavras, acabando por surgir o acto. Ora, aqui será comum a emergência das drogas, do álcool, de actos delinquentes, do carácter inconsequente, desmedido, deslimitado, impulsivo, desorganizado e primário, como forma de desligações relacionais do próprio sujeito, por via de medos de morte, vazio, separação e de perda do objecto, ou seja, a resposta do Eu como revolta às dores que se sentem e que não têm vias de serem pensadas.

Seguindo, por fim, o pensamento de Aqualusa (2017), na presença do trauma, ou do stress considerado pelo próprio enquanto traumático, o sujeito pode considerar o sonho ou o pesadelo, como um guia à descoberta de variados sentidos à sua experiência, numa tentativa integradora da mesma e com uma possível aplicabilidade descodificadora da experiência em si. Será, portanto, na solidão consigo próprio, na consistência da tolerância à frustração, e na capacidade de desenvolver, transformar e criar, onde se possui liberdade sobre si próprio, que o sujeito poderá ser autónomo, sendo que para tal, por vezes, será necessária a ajuda de um outro, função analisante (Coimbra de Matos, 2016) que venha servir como farol descodificador (Coimbra de Matos, 2017), onde se retorna à constituição da sombra do sujeito (Strecht, 2013).

Como tal, por via do acto criativo, onde por via do mesmo se vem a sublimar uma determinada angústia traumática ao sujeito, acabando por significar, simbolizar (Strecht, 2013) e integrar partes perdidas, ou que se querem perdidas do self (Greenberg e Mitchel, 2003), o sujeito volta a apoderar-se da sua sombra. Como tal, ao fornecer-se um espelho, onde o sujeito se permite ver e conhecer ao próprio (Lacan, 1978), sendo primordial, ser conhecido e reconhecido pelo outro.

Em acordo com Furman (1997) uma saída do lugar do trauma, pelo menos a possível reparação, passará pelo acto criativo, onde se transforma a dor que se sente face a algo, neste caso um ponto traumático, re-significando o evento, quer do ponto de vista físico, como emocional, ou seja, re-transformar o significado inerente ao que se sente. Como tal, a música, a literatura, o escrever, o ser semelhante de outro, imaginação, a natureza, o sentido de humor e religião. Por outro lado, Furman (1997) adopta a posição da resiliência, como que o revestimento interno de um objecto

interno, seguro e consistente, que vem relembrar o arquétipo constitutivo do sujeito por jeito da relação precoce.

## MÉTODO

### *Participantes*

No que respeita aos participantes, foi utilizado um caso clínico na conceptualização teórica ao longo de análise do mesmo em contexto de psicoterapia. Como tal, tem-se a utilização de um adolescente de 13 anos.

### *Instrumento*

Enquanto instrumentos, utilizam-se pontos teóricos de diversos autores contemporâneos que colocam a possibilidade de estruturar constructos teórico-práticos referentes ao modelo Dinâmico, constituindo uma grelha de análise, que posteriormente funda a prática que, por sua vez, foi aplicada a um caso clínico.

### *Procedimento*

No que referencia ao desenvolvimento e estruturação do plano de trabalhos, tem-se a análise, estruturação e conjugação de um referencial teórico-prático sobre o trauma, criatividade e autores dinâmicos contemporâneos.

### *Encontros na essência da música*

Desde cedo, a relação terapêutica veio a proporcionar encontros entre o clínico e R. nas bases musicais de diversos contextos e expressões/correntes.

Num primeiro ponto, e sem demoras, a transferência levava-me a um lugar de nada, perdendo-se no nada, um nada *esvaziante*, um nada que remetia ao vazio de nada conter, vazio, frio e solitário, onde se estagna, onde se promove o não saber (K-), que crescendo com o crescente ódio (O-) e a ausência de amor no acto (A-) levam à solidificação de um

continente frustrate que se esfuma na adversidade, que se perde à margem da emoção e que se concretiza no acto impulsivo, onde no seu decorrer, se preenche pela transformação no seu inverso, no seu negativo, ou seja, a vítima que se torna agressora.

Relembro a música do rei leão, onde, pela transferência relacional senti o possível destino que nos levaria no próprio acompanhamento, à construção de uma nova relação (Coimbra de Matos, 2017), onde se promove a compreensão e a presença e a possibilidade da construção, e não a destruição, incompreensão ou ausência abandonica, onde os limites se tendem a estruturar e a integrar o self, e não o seu oposto. Podemos falar de momentos encantadores onde o guerreiro que passa por tormentos e tornados, viagens e tempestades, pode ter, ou vir a ter, um momento de calma, um momento onde o belo estético (Meltzer, 1995) poderá ser integrado, pre-fazendo reis e vagabundos, uns e outros, coadunarem-se num mesmo, ou seja, a integração de saberes, do que se soube, se sabe e se saberá um dia, facultando, deste modo os prelúdios do sentido de aprender, o amor como base da aprendizagem do sujeito. Como tal, espelha-se a relação que, ao momento se conceptualiza numa lógica estruturante e desintoxicante do Eu, possibilitadora de novos caminhos s percursos.

Em frente, temos uma música que R. traz a consultório que dirá razão ao contexto desportivo, enquanto vídeo de incentivo ao Benfica. Propriamente, com Cabral (2017), R. trouxe as precisões e os feitos gloriosos que um dia teve, trouxe, também, o desespero de cair e o abandono da vitalidade, ou da pulsão de vida, e a imersão na descrença e abandono à própria vida em si, neste sentido, do ponto de vista emocional e do ponto de vista intelectual, a mortificação do Eu. Nestes momentos, o vídeo conta com a mão que se lhe é dada, a crença que se lhe é transmitida, a vontade que terá de ser alimentada, o sonho que terá de ser nutrido, o acreditar que terá de ser recuperado. R., vem lembrar o valor desta nova relação, deste novo rumo e caminho que pode conduzir, com “sangue, suor e lágrimas” (sic.), que a tristeza da derrota que caminha num sentido, poderá ser equacionada a um novo percurso, a uma nova relação, onde se vem cair e posteriormente levantar. R. concretiza o seu percurso do que se fez até ao momento, e do que se pode vir a fazer, sendo que com a compreensão e diluição de pontos nodais do seu desenvolvimento emocional, precursoras da formação da angústia e frustração, se podem vir a formar pontes internas, comunicantes entre si, possibilitadoras do saber e conhecimento (K+).

Possibilitada a emergência de ligações empáticas e contentoras, diz-nos Piruka, um cantor de rap português, no seu clip Salto Alto (2018), que o ser, viver e experienciar será sempre vazia, será sempre um ponto de trauma que não vem, ou não volta ao passado numa possível reparação, contudo, no presente poder-se-á ter consciente pontos desse mesmo passado, que na sua conjugação, poderão conceptualizar na sua origem e traço próprios, lembrando o My way de Frank Sinatra (2018), o caminho traçado pelo artista no seu próprio palco.

Diz-nos Piruka (2017) que *“Eu bem tento ser melhor mas eu não consigo, e tu mereces mais do que eu tenho sido, tanto tempo contado, pouco tempo contigo, mau para namorado, bom para ser amigo (...) passaste um mau bocado, roubei-te esse sorriso, dias sem pecado, dias sem explicação, eu era o teu pecado no teu paraíso, mas não tenho o que é preciso numa relação (...) e dizia não (...) hoje em dia penso nisso ao ver o meu reflexo (...) porque eu perdi tudo deste-me o coração (...) onde tu vias amor eu só via sexo (...) dei-te um filme de terror e querias um romance, o homem que tu tinhas do lado era fora de alcance, dizes que eu não recuo mas também eu não avanço (...) no corpo das outras é lá que eu danço (...) eu não descanso, a minha vida é só loucura (...) sentiste o André e viste o andré ehhh (...) a vida que eu levo para ti não da hoje vivo na estrada e é lá que eu me deito, o tempo perdido já não vai voltar, hoje choras por tudo o que podia ser feito, a vida que tu queres para mim não dá, hoje estás numa cama à espera que me deite, tentei, tentaste, cansei de tentar, hoje vim a sorrir por tudo que foi feito”* (sic.).

Piruka (2017) continua *“ olha para mim a vida mudou (...) a vida virou pó (...) tudo tem um fim (...) olha para onde é que eu vou, olha de onde é que eu vim (...) mas vejo-me onde é que eu tou, mas vejo-me aqui sem ti (...) eu bem tento evitar, mas tudo que deus não quer o diabo empurra (...) porque eu não sou de ferro, e homem que é de ferro emperra com a chuva, e quando vem a água vem enferrujar”* (sic.).

Aqui, R. aponta o tanto tempo em terapia, e tão pouco tempo realmente em terapia, conta, desta forma, a resistência à melhoria. Por outro lado persiste a percepção de si próprio como um pecado em mundos de paraíso, ou seja, a introjecção da culpa, tornando-se no objecto maligno. Percebe-se, também, a conjugação com o processo adolescente e o reforço das práticas sexuais deslimitadas, como formas de preencher vazios relacionais. Considera-se um modelo de homem, no sentido de se

sentir e perceber como sendo de ferro, inflexível e indemo­vível da sua fortaleza, do seu castelo defensivo. Assume, que a vida que se pretende, ou que sonham que R. venha a ter, não se compreenda com aquilo que o próprio deseja, como que uma causa perdida que o mesmo não pretende levar em diante “não gosto da escola, têm de perceber, não fui feito para estudar e ler e essas coisas, não gosto disso...” (sic.). Afirma também, a sua vontade de seguir em frente, pelo seu caminho, com o auxílio do clínico, como objecto ou Ego auxiliar, num sentido de co-construção.

#### *A (re)construção de um modelo interno*

Pela construção de um modelo interno da relação, eu-eu e eu-outro, Brook (2011) refere que o sujeito deverá atravessar estados de tensão, que através da coragem, novas experiências e contactos que se vão estabelecendo, o sujeito pode vir a descobrir partes de si, aparentemente conhecidas, contudo esquecidas e desconhecidas no sentido emotivo. No referido processo, vêm a ser experienciados estados afectivos, por vezes desconcertantes e desorganizadores e potenciadores de um certo bloqueio ou paralisação que, através da contenção e significação de um outro, poderá ocorrer aquilo a que se chama de (Des)construção. Através desta experiência o sujeito conhece lugares esquecidos, onde a possibilidade de renovadas ligações, sentidos e direcções, do eu consigo próprio e do eu com o outro, vêm a possibilitar a re-organização do confronto com a realidade, um confronto onde, anteriormente, se segue pela frustração de sofrer, se segue, seguindo, com o aumento da resiliência do objecto interno, ou seja, a manutenção e o carácter nutridor que a relação proporciona aos objectos internos do sujeito. Com o desenvolvimento de uma nova relação, o sujeito irá constituir e re-construir novas partes objectais, concebendo a possibilidade ao sujeito de se inscrever num lugar, seu, onde a vida, o acto criativo, a inspiração, a honestidade, o amor e ódio, e a fantasia e realidade, vêm a possibilitar ao sujeito o carácter de pessoa.

Assim, enquanto encenador, o clínico, e enquanto actor e autor, e o paciente, vêm a interagir numa espécie de palco, onde os guiões são *r-escritos*, constituindo-se o vínculo entre ambos a ponte que liga meio de análise e de exploração pessoal, onde ambos se trabalham a um unificado objectivo. Como tal, constituindo novos sentidos e caminhos, o sujeito encontra um acto sublime e glorioso, condutores à nova relação, pela

transformação da angústia, ansiedade e defesas psíquicas antecedentes, em novos significados, símbolos e elementos organizadores do psiquismo. No fundo, um sujeito que se queira constante, na inconstância da tolerância à dúvida e frustração, capaz de constantes reactualizações (Brook, 2011), sendo para tal, fundamental recorrer às experiências passadas, evocações objectais relacionais de experiências sentidas na infância.

Nas palavras de Green (Strecht, 2014) seria a função objectalizante vs a função desobjectalizante. Pela primeira, observam-se as pulsões de vida e de amor, onde os objectos são investidos com amor, arte e significância, pela orientação e transformação do transmitido anteriormente em relações antecedentes. Neste sentido, observa-se principalmente o investimento ao objecto, enquanto objecto de amor, num sentido sublime e glorioso do acto. Já a segunda, função desobjectalizante, é referida por Green, como sendo o prelúdio da pulsão de morte, de uma negativização de pulsões, assumidas enquanto precedentes de feridas narcísicas e de perdas objectais, ou seja, a luta progressiva e aniquilante de si, para consigo próprio, onde se torna intolerável e angustiante o movimento de busca interna, ou de reflexividade, o que, inevitavelmente leva ao empobrecimento e a desqualificação da relação do sujeito com o objecto.

Como tal, e impulsionando à desintoxicação da função maligna introjectada pelo sujeito, pressupõe-se o conhecimento da ausência de profundidade de contacto emocional, a vivência do desamparo, angústia, zanga, privação das boas experiências emocionais, onde a criança, não tocada, não experienciada, potenciada pelo abandono sucessivo, vem a experienciar novas ligações de holding/vinculação segura, onde se revitaliza a experiência, esperança, renovação e reparação do seu mundo interno. Como tal, será necessária a ligação ao desligamento da criança, ao estar perdida e emocionalmente só e abandonada, criando, para se defender barreiras e bloqueios, maus comportamentos e baixas nas notas escolares, barreiras à libertação e livre fruição da função epistemofílica (artéria do conhecimento).

Neste sentido, compreende-se a necessidade do resgate do sujeito psíquico do seu sofrimento, do seu silêncio e da sua ausência de sentidos, significados e símbolos, capazes de constituir com espessura um espaço psíquico sadio. Evidencia-se a necessidade de traduzir a escuridão avassaladora, prelúdio de vazios, desvitalizações narcísicas, com o preenchimento por amor e reparação das memórias antigas que atormentam o espaço psíquico e o comprimem ao empobrecimento, que tende a perecer com o

desenvolvimento, ou a emburrecer com a experiência. Contudo será a tradução destas mesmas memórias traumáticas e angustiantes que veem a possibilitar um encontro do sujeito com os seus arquétipos relacionais precoces, onde o conforto, o carinho, os ritmos, as falas inconscientes, os afectos vitais e a possibilidade de uma experiência subjectiva sadia, vêm a preencher vazios incómodos e restritos ao bom desenvolvimento dos objectos internos do próprio.

Por sua vez, Valette (2017) quando afirma que o ser humano procura a luz, procura iluminar-se de conhecimento e de fontes de inspiração, sendo que será quando se produz luz que o ser humano produz sentido e orientação no seu percurso. Pensa-se, então, a essência do sujeito, num transporte sublimatório, onde impera a vida, e respectiva abertura, num processo construtivo, ao invés da imperação da morte, ou processo destrutivo. Neste contexto, dever-se-á pensar o sujeito no intermédio da sua liberdade, onde se alcança o seu melhor (Mastiksoul e Mariza, 2017; Mariza, 2015), ou seja, a desconstrução do falso self, com o conhecimento progressivo do seu verdadeiro self (Winnicott, 1983).

#### *Ter um objecto interno coeso*

Diz-nos Kindlon e Thompson (1999, cit. por Strecht, 2014) que a comunicação interna, e posterior tradução, entre as emoções e aquilo que os adolescentes experienciam, são mediadas pela possibilidade dos adolescentes poderem ter uma vida interior (onde desenvolvem o seu vocabulário emocional) e se poderem compreender, no sentido da aprendizagem emocional. Será, portanto, uma constante actividade entre a coragem de se auto-analisar, entre os riscos que se correm na experiência propriamente dita, com a proveniência do constante surgimento da novidade, componentes estas intrínsecas ao desenvolvimento. A existência desta vida interior e a capacidade de fornecer significantes, constituídos por diversos significados, permitirá a emergência do pensamento-palavra, e não do pensamento-ausência de palavra-acção.

A referida vida interior, objecto de construção na relação artística e estética do clinico com o paciente, constitui-se, no já referenciado, bem como, na providência de um ambiente seguro e livre da actividade persecutória e desorganizadora do espaço mental. Como tal, as soluções extremas de agressividade e de isolamento afectivo, com o erguer de

castelos protectores, e funcionamentos em falsa personificação da experiência, vêm a desfazer-se com o valor da presença e a presença de quem sente, escuta e devolve. Neste sentido, através da arte e do sentido criativo, o sujeito vem a entrar em comunicação com o mundo circundante, onde recuperando a felicidade perdida, poderá vir a investir na singularidade da relação com o mundo, e vá investindo progressivamente em outros sentidos construtores da sua própria identidade emocional e desenvolvimento cognitivo. Assim sendo, será urgente constituir novas ligações no sentido de recuperar o sentimento de glória interna e de encantamento que outrora houvera existido no próprio.

Sobre o encantamento, ou sentimento de glória interna, estabelece-se que a integração, coesão e consistência do psiquismo, poderão envolver (por terem sido envolvidos) o sujeito num envelope, contentor ou segunda pele psíquica, possibilitadoras da recorrência ao objecto interno formado (relação), onde se dá sentido à experiência, pese embora se tenha perdido, ou vindo a perder, causando os enunciados de morte psíquica. Devem-se promover os re-começos, analisar as moções sociais ou o ambiente onde o sujeito existe, perceber a desconexão e desintegração que o circunda, num ponto de vista sexual e agressivo, que o desorganiza, destabiliza, retarda, e que bombardeia com o sem sentido vidas de adolescentes e crianças que, desde cedo, experimentam uma inversão profunda no seu desenvolvimento, constituição de valores, que comprime e reenvia o sujeito a vazios emocionais, que desconecta partes de si, que se tornam incomunicáveis, que vêm a privar de luz e embeber o sujeito em trevas e que, por de entre as inúmeras consequências, talvez as piores, vêm a retirar a palavra e o amor da sua própria existência.

*Breves considerações sobre os processos de identidade e identificação, escola e modelos*

Neste sentido, num primeiro aspecto somos de conduzir que a hiperactividade e o défice de atenção se constituem num espectro maior quando falamos de personalidade. Um dos apontamentos refere-se ao estado caótico e desorganizado que os objectos internos possuem, ou sobre as referências e modelos de estruturação da mente, serem de semelhante forma, desorganizados e caóticos e, portanto, servirem de ponto de identificação e estruturação da identidade do sujeito (Berger, 1998).

Será neste sentido que Perron (1978) re fará a conjugação entre o que é do meio no sujeito, e o que é do sujeito no meio, bem como, como estas problemáticas se revelam e influenciam entre si, mediante livre expressão do próprio sujeito em si. Como tal referenciam-se as primeiras relações, ou relações precoces com o materno organizador, contentor, criativo e estimulador, e o lugar do paterno, enquanto lúdico, também, bem como, potenciador dos limites e elemento de separação sujeito-materno. Deverá ser estimulada a capacidade de frustrar, bem como, de conter, compreender e actuar sobre a carência, ausência ou presença excessiva do outro. Tais acções poderão ser úteis ao combate do que é construído magicamente (ou por construções mágicas e onnipotentes, desrealizadas) pelo aluno, pelas resignações ou/e revoltante. Aqui, o terapeuta surge enquanto objecto de transformação e mudança, enquanto agente de mobilização do sujeito, como objecto de respeito, significação e compreensão. Existe, portanto, uma imagem representada da criança na mente do sujeito, onde se pretende que esta mesma imagem vá conjugar-se, modelo este que a criança poderá incorporar, assimilar e acomodar.

Em alguns casos, verifica-se uma recusa em crescer, bem como, um enfardamento do real e da experiência em saturação do pensamento com posterior manifestação em protestos. Estes processos, podem reproduzir a inadequação e inadaptação que poderá ser ao favor do desenvolvimento, ou à estagnação do mesmo, sendo de extrema importância considerar o papel do sujeito, do desenvolvimento afectivo e cognitivo e do meio em que está inserido, enquanto promotor ou não do referido (Perron, 1978). Neste sentido Boimare (2001) esquematiza que a aprendizagem, e a não aprendizagem, pode repousar em algumas premissas, tais como, (1) crianças que se encontram no limiar da frustração mediante contexto escolar (ex., onde predominam o papel na criança das referências de identificação); (2) dificuldade em manter uma distância sujeito-objecto, ou seja, sujeito-matéria escolar, originando projecções maciças sobre as matérias, causando empobrecimento e vazio mental, aumento de defesas, frustração exacerbada (de entre outros); (3) o desejo de saber e explorar que se encontra estagnado e em vias de desenvolvimento; (4) falhas do funcionamento psico-motor; (5) ausência, muitas vezes, ou deturpação de figuras de referência e identificação; (6) estratégias de evitamento, desprezo e fuga de contextos de auto-reflexão, sobre o pensar sobre o outro, os seus actos e de elaboração psíquica; (7) face á necessidade de defesas potentes, recorre-se à edificação

de uma carapaça que, arrogantemente e desprezantemente se defende do objecto cultural e escolar; (8) construção de pensamentos mágicos com rupturas do processo associativo e reflexivo da mente; (9) contacto demasiado colado a temas de índole sexual ou de agressividade; (10) pensamentos e respectivos conteúdos considerados arcaicos, desorganizados, caóticos e violentos, com dificuldade acrescida de pensamento abstracto (ex.); (11) bloqueios, estagnações, petrificações do pensamento como reflexo da incapacidade de aprender e de ter contacto com o seu self; e (12) por fim, sentimentos de inveja, onipotência, triunfo e desprezo de ordem e o não conhecimento de inserção na lei, recusa da independência, da dúvida, interrogação e sentimento de frustração.

Por fim, o ideal, segundo Bona (2017), seria incrementar uma nova política de olhares, formando novas relações, constituindo novos objectos internos educacionais, sociais e psíquicos, como que uma re-formulação no processo de interligação da somatopsique, familiar, social e cultural. Na formação destes objectos internos, o mais importante, em que a criatividade assume um papel primordial, o trauma pode ser compreendido aos poucos, onde se relembram e reparam memórias em arquipélago, outrora distantes, e agora presentes e compreensíveis, representáveis e elaboráveis à própria mente. Para tal, deixa directrizes explicitas, intimidantes, mas concretizáveis:

- O lugar do respeito, conjugado com a sensibilidade, empatia, tolerância, criatividade, flexibilidade, expansividade, auto e hétero-reflexividade, do esforço, entusiasmo, curiosidade e capacidade de projectar e identificar, com o devido espelhamento, a possibilidade do encontro de lugares, onde o aluno se sinta parte da escola propriamente dita, bem como, de tudo quanto se lhe comporta;
- Implica a necessidade de proximidade relacional e emocional, onde o sonho e a imaginação/fantasia, criam novos espaços psíquicos de exploração, reflexão, construção e transformação;
- Trabalhar em conjunto em oficinas psico-pedagógicas onde professores, pais e alunos se manifestem, cuidem, amem e sejam conhecidos e re-conhecidos.

## CONCLUSÃO

(1.1) Sobre o trauma, e tendo em conta o explícito, e o caso em si, não apresentado na íntegra por motivos éticos, tem-se que numa criança que é batida, Freud (1993) expõe magistralmente o processo-retrocesso em ordem

do progresso, da transformação vítima-agressor. Num primeiro plano (1) o pai bate na criança batida que eu odeio, sendo que me ama a mim e odeia a outra criança, (2) o pai bate em mim porque me ama, (3) sou batida num substituto da representação do pai.

De acordo com Oliveira (2018) a identidade forma-se tendo em conta o pressuposto do trauma, identidade sexual, família e o corpo. O trauma, constitui-se um agente predominante que vem a estruturar a experiência psíquica do sujeito (Couchinho, 2017). Por vezes o trauma pode ser considerado por micro-traumas que danificam a mente ao longo do tempo (Strecht, 2002) podendo no conhecimento do mesmo encarar o trauma como uma ponte ao desenvolvimento e crescimento da mente., reparando os fantasmas assombrados (Melícias, 2017).

### (1.2) Sobre a hiperactividade

Sobre a hiperactividade, segundo Perron (1978) a inadaptação quererá reflectir sobre a incapacidade da criança em se adaptar ao meio e o meio à criança. A inadaptação interliga-se com a indiferenciação, ausência de um continente interno e com a ausência da norma/regra. Sá (2018) aponta que a Hiperactividade ou défice de atenção, quando medicadas e analisadas unicamente mediante expressão sintomática, tendem a retirar a espessura e a história simbólica do sujeito, reduzindo-o à redoma implícita da sintomatologia concreta. A impulsividade, agressividade, ausência de capacidade de pensar pensamentos, de espessura, concretude e inquietude do imaginário, conjugando-se com a resignação, compensações imaginárias e revolta, vêm condicionar o desenvolvimento.

### (1.3) Sobre a criatividade

A criatividade permite a edificação de pontes comunicacionais, de elaboração, transformação e de reparação do afecto que se sente mediante experiência psíquica. Por via do sonho na relação, co constrói-se e repara-se, bem como, se sublima o mundo interno do sujeito. Desenvolve-se um espaço potencial de desenvolvimento, onde ocorre a expansão da mente, religação afectiva, possibilidade de existência e de auto e hétero conhecimento, com desenvolvimento da função simbólica e da capacidade de pensar e transformar os conteúdos traumáticos, que traumatizam e desorganizam. Por fim, ocorre a integração, permite-se a adaptação e a recuperação do sintoma perdido.

(1.4) Sobre a ansiedade, hiperactividade e construções teóricas sobre a intervenção (Stretch, 2002; Berger, 1999; Miller, 1998):

Num primeiro momento, (1) a criança é desinvestida, posteriormente (2) a criança que fica carente de amor – ou o afecto que advém por via material, permanecendo a carência do afecto propriamente dito, mas com a voracidade do objecto material enquanto substituto do afectivo, (3) torna-se triste, move-se na procura do afecto que a venha a preencher/satisfazer e a sentir-se nutrida, (4) que não encontra um porto onde se abrigar, ser amada e reconhecida, e como tal sente a solidão, o desamparo, a pobreza do externo que se vai tornando interno (introjecção identificativa, ou da identificação projectiva com consolidação do objecto/representação), (5) que posteriormente começa a dar problemas escolares, emocionais, e que tem de ser o objecto de admiração, pelos seus actos ou realizações, dos seus pais, portanto sem demonstrar a sua fome de afecto, (6) portanto, a criança que se revolta e se zanga, e que se vai perdendo em si mesma e no/do mundo, (7) que vem a promover a cultura do vazio, da raiva, da agressividade, da mentira, do forte-fraco, que teme e é temido, do grandioso pequenino ponto, numa loucura própria que tinge a imbecilidade, na arrogância e no desprezo, (8) se refugia na defesa do desprezo para consigo própria e que (9) vem a criar prisões internas (solidão de quem despreza), onde a curiosidade e a criatividade das crianças que são bloqueadas – e esquecidas com o tempo – impossibilitando o processo de subjectivação/compreensão emocional – partes do eu dissociadas/escamoteamento da realidade, onde se pratica o culto do não se sentir e do não poder sarar as suas feridas.

(1.5) Dos obectivos terapêuticos

Enquanto objectivos terapêuticos tem-se (1) o eu perdido e solitário a dialogar com o eu de agora, entre o que agride e o que é agredido, aceitação da sua não grandiosidade e do seu eu frágil, abandonico, (2) a aceitação geral do horror, desespero, revolta, desconfiança, raiva, impotência e, principalmente, do medo do desejo de ser amado/nutrido pelo outro, (3) desconstrução dos mecanismos de defesa da agressão, da hiperactividade/irrequietude/estado maníaco psíquico e motor, do falso eu agressividade e onnipotência e grandiosidade, da mentira (alteração da realidade) que se liga com o escamoteamento de sentimentos desprezados e da negação do próprio real, sentimentos de culpa por não ser o filho perfeito e o culpado pela representação do objecto mau projectado no próprio, recuperação

daquilo que caminha a uma dissociação do eu – à integração objectal, sentimento depressivo consciente com retirada do característico falso eu onipotente que serve como defesa e possível estabilizador de carácter, de forma a dar entrada no processo triangular/recalcamento, (3) ter em conta o espelhamento com (des)reconstrução progressiva do eu (promissor da velha relação), (4) investimento numa representação de si como fonte criativa de se amar e amar o mundo, como o futebol, amigos, jogos, recuperação escolar, modificação dos espelhos parentais em si próprio, e não pelo ser amado pelos seus feitos mas sim, e mais importante que tudo, pela criança que é/foi, (5) possível tentativa de identificação a uma referência grupal sadia, numa tentativa de simbolismo e significação, e não unicamente numa lógica de acting, (6) derrota do mito narcísico, da imagem idealizada de si, e objectalização da sua imagem, e forma de chegar à ambivalência (com integração do bom e mau), retirando-se de um movimento clivado, (7) integrar as dimensões de pensar, ter prazer e agir, (8) potenciar a estabilidade relacional com o pai, curando a relação entre os mesmos – o mesmo em relação à estabilidade emocional com a mãe (pese embora nunca tenha surgido em consulta com o R.). Por fim, o seguinte quadro vem ser pensado mediante a intervenção com crianças que possuem Défice de atenção e hiperactividade:

---

Défice na relação com objecto primário	Holding deficiente	Fracasso na experiência de onipotência Três processos deficientes – Integração de tempo e espaço; – Subjectivação; – Estabelecimento da relação com o objecto Processos autocalmantes Fracasso na constituição de espaço imaginário e ritmo homeostático Presença flutuante de um objecto considerado inimigo
Dificuldade na capacidade de estar só na presença do outro		Capacidade de estar só Imobilização do objecto ameaçador Colocação do objecto no exterior de si Campo objecto maleável e pensável Agitação contra excesso pulsional Instabilidade e pulsão sexual Objecto como espelho

---

REFERÊNCIAS

- Agualusa, J. E. (2017). *A sociedade dos sonhadores involuntários*. Lisboa: Quetzal.
- Berger, M. (1998). *A criança e o sofrimento da separação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bion, W. R. (1997). *Taming wild thoughts*. Gloucester Road: Karnac Books.
- Bona, C. (2017). *A nova educação: O professor que está a revolucionar a escola*. Lisboa: Objectiva.
- Brook, P. (2011). *O espaço vazio*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Cabral, G. (28 de 04 de 2018). *Benfica: Juntos por ti*. Obtido de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=2kTeJyl7tFM>
- Casement, P. (1999). *Further learning from the patient: The analytic space and process*. New Fetter Lane: Routledge.
- Coimbra de Matos, a. (2007). *Vária: Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2016). *Psicanálise e psicoterapia psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2017). *Nova relação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coucinho, E. (2017). *Morridas, dormidas, sonhadas: Da imersão da sensorialidade à possibilidade de pensar*. In A. B. Melícias (Ed.), *Psicanalisarium* (pp. 45-61). Lisboa: Freud & Companhia.
- Ferenczi, S. (1980). *Further contributions to the theory and thecnique of psycho-analysis*. London: Maresfield Reprints.
- Ferenczi, S. (1980). *Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis*. London: Maresfield Reprints.
- Freud, S. (1993). *Fantasma e esquecimento* (Trad. por José Rosa Brotéria). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Furman, B. (2013). *Nunca es tarde para una infancia feliz: De la adversidad a la resiliencia*. Barcelona: Octaedro.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Lacan, J. (1978). *A família*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Mariza. (2017). *Melhor de mim*. Lisboa: Warner Music Portugal.
- Markham, U. (2001). *Guia elementar: Traumas de infância*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Mastiksoul, & Mariza. (2017). *Livre*. Lisboa: Dominant Artists.

- Melícias, A. B. (2017). Da garatuja à esfinge: Fantasmas originários como matriz simbólica. In A. B. Melícias (Ed.), *Psicanalisarium* (pp. 85-137). Lisboa: Freud & Companhia.
- Meltzer, D. (1995). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mendes Pedro, A. (24 de Abril de 2018). Seminário sobre a nova relação. *Nova relação: Grupo de estudos da obra de António Coimbra de Matos*. Lisboa: APPPP – Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica e de Psicanálise.
- Miller, A. (1998). *O drama de ser uma criança*. Lisboa: Paz Editora.
- Oliveira, M. Â. (2018). *A história que me contam e a que eu interpreto?: Um estudo sobre a construção e expressão da identidade*. Lisboa: ISPA.
- Perron, R. (1978). *As crianças inadaptadas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Piruka. (28 de 04 de 2018). *Salto alto*. Obtido de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=aGwhLsH9cKo>
- Raubolt, R. (2014). *Cenários psicanalíticos do trauma*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Sinatra, F. (28 de 04 de 2018). *My Way*. Obtido de Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=5AVOpNR2PIs>
- Strecht, P. (2002). *Crescer vazio: Repercussões psíquicas do abandono negligência e maus tratos em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Strecht, P. (2013). *Crianças sem sombra: Arte, Vida e Conflito Emocional*. Lisboa: Edições 70.
- Strecht, P. (2014). *A criança e o seu encantamento pelo Mundo*. Lisboa: Edições 70.
- Texto revisitado no dia 10/04/2018, escrito por Teresa Sá (SPP), Perturbação de Défice de Atenção à Saúde Mental Infantil <https://www.sppsicanalise.pt/perturbacao-de-defice-de-atencao-a-saude-mental-infantil/>
- Valete. (2017). *Poder*. Lisboa: Baghira e Here's Jonhy.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.